

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA SIGNIFICAÇÃO DAS UNIDADES LINGUÍSTICAS “BEM” E “MAL” SOB O PONTO DE VISTA DA TEORIA DE CULIOLI

ANALYSIS OF THE MEANING CONSTRUCTION OF THE LINGUISTIC UNITS "BEM" AND "MAL" FROM THE PERSPECTIVE OF CULIOLI'S THEORY

Recebido: 25/11/2024 Aprovado: 02/02/2025 Publicado: 22/02/2025

DOI: 10.18817/rlj.v8i3.3944

Layana Kelly Pereira de Holanda¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8323-7000>

RESUMO: Este artigo está inscrita na linha de pesquisa Gramática e Léxico: descrição e ensino do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras da Universidade do Federal do Piauí (UFPI), oriundo da tese de doutoramento que está em andamento e tem como objetivo geral, a partir de um viés construtivista, analisar a construção da significação semântico-enunciativo das unidades linguísticas “bem” e “mal” sob o ponto de vista da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. O estudo baseia-se na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) do linguista francês Antoine Culioli (1976, 1990, 1999b), como também em estudos feitos por seguidores de Culioli como Franckel e Paillard (2011), De Vogue (2011) e outras reflexões como a de Groussier (2000), que postulam que o sentido das unidades lexicais não é fixo, mas construído no e pelo enunciado. A metodologia de análise se baseia na atividade de manipulação e reformulação de enunciados, ou seja, a prática de elaboração de glosas. Entender o funcionamento da existência de categorias lexicais e gramaticais já construídas, parte da hipótese de que a categorização não contribui para a compreensão de como esses valores são instáveis a depender das ocorrências.

Palavras-chave: Unidades “bem” e “mal”. Construção de sentido. Valores referenciais. TOPE.

ABSTRACT: This article is part of the research line *Grammar and Lexicon: Description and Teaching* within the Stricto Sensu Graduate Program in Letters at the Federal University of Piauí (UFPI). It originates from an ongoing doctoral dissertation and has as its general objective, from a constructivist perspective, to analyze the construction of the semantic-enunciative meaning of the linguistic units “*bem*” (well) and “*mal*” (bad) from the standpoint of the Theory of Predicative and Enunciative Operations. The study is based on the Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE) developed by the French linguist Antoine Culioli (1976, 1990, 1999b), as well as on studies by Culioli’s followers such as Franckel and Paillard (2011), De Vogüé (2011), and other reflections, such as Groussier (2000). These works postulate that the meaning of lexical units is not fixed but constructed within and through the utterance. The methodology of analysis is based on the activity of manipulating and reformulating utterances, i.e., the practice of elaborating glosses. Understanding how pre-established lexical and grammatical categories function is based on the hypothesis that categorization does not aid in comprehending how these values are unstable depending on occurrences.

Keywords: “*Bem*” and “*Mal*” units. Meaning construction. Referential values. TOPE.

¹ Possui Graduação em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Especialista em Linguística e Ensino pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Especialista em Docência para a Educação Profissional pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC-SP. Mestra em Letras e atualmente Doutoranda pela Universidade Federal do Piauí - UFPI, área de concentração em Estudos de Linguagem (Linguística) e linha de pesquisa: Descrição do Português na perspectiva enunciativa da teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. É membro do grupo de Estudo das Teorias Operativas Enunciativas - GETOE na UFPI de Teresina. Pesquisadora na área da Enunciação e Ensino de Gramática. Ministra aulas de Língua Portuguesa (Gramática, Produção Textual e Leitura) e Linguística; Professora de escolas particulares, Prefeitura Municipal de Teresina, Faculdades e Universidades no Piauí e Maranhão. E-mail: layana_holanda@hotmail.com

1. Introdução

Para Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas apresentada por Culioli, não se busca sentido do enunciado especificadamente em um referente extralinguístico. Essa busca de sentidos é algo que ocorre na língua, independentemente da teoria estudada. O que a TOPE nos oferece são os meios para visualizar/compreender que, a depender do enunciado construído, a depender da marca, aspectos, tipo linguístico que se busca investigar, o valor referencial aparece. Até porque as unidades linguísticas, em geral, são observadas e descritas pela tradição lógico-gramatical a partir da estabilização de valores decorrentes de uma situação enunciativa específica, já dada.

Nessa perspectiva, em nossa pesquisa, vimos que esses valores são tomados como uma espécie de fio condutor ou como parte integrante da essência de uma dada unidade e que, ali, ocorre operações para que se chegue a determinado valor nocional/conceitual e precede à norma e que, em maioria das vezes, o sujeito enunciador não tem essa consciência linguística porque pouco procurar executar atividade epilinguísticas² e metalinguísticas³ nas suas reflexões, individuais e ou coletivas.

Diante de algumas hipóteses que fomos desenhando para a tese, trouxemos para este artigo uma delas aguçava nossa inquietação acerca das unidades “bem” e “mal”, e portanto, refletíamos no como se chegar na construção de significação semântico-enunciativo das unidades linguísticas “bem” e “mal” sob o ponto de vista da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas? Dito isso, organizados alguns dos nossos objetivos voltados a analisar a construção da significação semântico-enunciativo das unidades linguísticas “bem” e “mal” sob o ponto de vista da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, propondo compreender os valores referências dessas marcas em enunciados extraídos de situações cotidianas e

² Esse tipo de atividade se refere à capacidade do falante de refletir sobre os próprios processos linguísticos enquanto utiliza a linguagem. Essa reflexão não é consciente de forma plena, mas se manifesta nas operações de ajuste e controle realizadas durante a enunciação, permitindo ao falante manipular, corrigir ou ajustar o discurso para alcançar um determinado efeito ou significado.

³ Esse tipo de atividade refere-se à reflexão explícita e consciente sobre a linguagem e seus elementos, frequentemente articulada através do uso da própria linguagem para falar dela mesma. Diferentemente da atividade epilinguística, que é implícita e ocorre de maneira automática e prática durante a enunciação, a atividade metalinguística é deliberada, analítica e frequentemente associada a situações formais de análise ou descrição linguística. Culioli considerava essa capacidade metalinguística como uma extensão das operações linguísticas naturais, destacando que ela depende do mesmo sistema cognitivo e enunciativo, mas requer uma intenção explícita de observar, analisar ou comentar os próprios mecanismos da linguagem.

entender essa relação referencial e nocional no estudo de antonímia. Sobretudo por que a TOPE articula o material verbal (as línguas) com a prática do seu manuseio (atividade de linguagem).

Com o suporte teórico-metodológico a TOPE, a metodologia de análise se baseia na atividade de manipulação e reformulação de enunciados, ou seja, a prática de elaboração de glosas⁴ e paráfrases⁵.

Para que prossigamos, é necessário compreender como se procede o quadro teórico culioliano acerca do que é linguagem e como elas se correlacionam dentro das operações que a teoria entende como sendo crucial para a formação de significação do enunciado. Como recorte a este artigo, falaremos apenas dos itens Linguagem e enunciado para TOPE, e conforme formos adentrando nos objetos de análises outros conceitos irão sendo explorados.

2. Como se configura a linguagem e a noção de enunciado segundo a TOPE?

2.1 A linguagem para TOPE

Os processos e operações pertinentes à análise dos enunciados com base na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas perpassam em vários dos processos de comunicação. Esclarecemos, porém que, nesse tópico, não se trata de uma tentativa de descrever todo o conteúdo dessas operações que a teoria oferece, mas de analisar os aspectos mais importantes para a análise a que nos propomos neste artigo.

As operações de linguagem são centrais na teoria culioliana, pois cabe ao linguista estudar a linguagem por meio das marcas que essa deixa nas línguas, mais precisamente nos enunciados que a compõem; em outras palavras trata-se de

⁴ As *glosas* são um exemplo de proliferação de enunciados, se relacionam com as atividades epilinguísticas, por serem anteriores e espontâneas, de tal forma que esses enunciados sejam manipulados a fim de evidenciar operações linguísticas a que não temos diretamente acesso; são responsáveis por promover a articulação entre o formal e o empírico defendida pela teoria Culioliana.

⁵ As paráfrases resultam da atividade metalinguística, pois são controladas e avaliadas criticamente e muito parecida, temos as *glosas*, que se relacionam com as atividades epilinguísticas, por serem anteriores e espontâneas. As paráfrases resultam da atividade metalinguística, pois são controladas e avaliadas criticamente. Mais especificadamente, as *paráfrases* são as tentativas de o linguista simular as *glosas* produzidas pelos sujeitos enunciadorees na busca de observar as diferenças sutis e também as maiores oscilações que se marcam na superfície dos enunciados.

encontrar as invariantes que sustentam e regulam a atividade da linguagem, tal como ela aparece nas configurações das diferentes línguas. Essa apreensão, contudo, somente é possível por meio das operações de linguagem que perpassam a representação mental e de alguma forma tornam-se visíveis aos olhos do linguista nos textos.

Para entender como o teórico Culioli pensou sobre seu objeto de estudo, é necessário entender inicialmente que para ele:

[...] não há linguística sem observações profundamente detalhadas; não há observações sem teoria dos observáveis; não há observáveis sem problemática; não há problemática que não se conduza a problemas; não há problemas sem a busca de soluções; não há soluções sem reflexão, não há reflexão sem sistema de representação metalinguística; não há sistema de representação metalinguística sem operações [...] ⁶ (Culioli, 1999b, p.66).

Com base nesse pensamento, é que devemos compreender que a teoria do teórico é conhecida por ser uma teoria dos observáveis, e assim sendo, vemos que em qualquer tipo de procedimento científico de investigação coerente é preciso observar, raciocinar, teorizar e depois voltar ao que foi observado para justificar a aplicação de tal teoria ou conceito. Esse ir e vir na análise dos fenômenos da língua, das manipulações que a língua nos permite, dos exercícios de paráfrases e/ou pré-construtos permitem que sejam percebidos problemas de má-formação e, principalmente, o que permanece – as invariâncias – e o que se transforma – as variações – da língua.

Agora, acerca do que seja enunciado para TOPE, precisamos entender basicamente dois aspectos: que enunciado não é uma sequência de palavras marcadas sintática ou morfológicamente e que não é uma forma gramatical fixa. Com essa forma de pensar, seguimos então para como se configura a construção de um enunciado.

2.2 O enunciado para a TOPE

⁶ No texto original: “[...] pas de linguistique sans observations profondément détaillées; pas d’observations sans théorie des observables; pas d’observables sans problématique; pas de problématique qui ne se ramène à des problèmes; pas de problèmes sans la recherche de solutions; pas de solutions sans raisonnement; pas de raisonnement sans système de représentations métalinguistique; pas de système de représentation métalinguistique sans opérations [...]” (CULIOLI, 1999b, p.66).

O campo teórico desse artigo reside dizer que todo enunciado é orientado em relação a uma determinada situação enunciativa, essa, por sua vez, é definida em relação a um sujeito enunciador e a um tempo de enunciação, de modo que âncoras temporais (agora, ontem, etc.) e espaciais (aqui, lá, etc.) sejam identificáveis no contexto. É uma “organização de formas das quais os mecanismos enunciativos, que o constituem como tal, podem ser analisados, no quadro de um sistema de representação formalizável, como um encadeamento de operações do qual ele (o enunciado) é a marca.” (Franckel; Paillard, 2011, p. 88).

Na vertente de Culioli o sujeito na enunciação tem a sua ênfase sobre as operações cognitivas e predicativas que ocorrem durante o processo de construção de sentido e não traz no bojo de sua teoria o conceito de enunciação si, mas entende essa ocorrência como sendo um processo dinâmico e interativo no qual o sujeito constrói e ajusta sentidos a partir de operações cognitivas e linguísticas, em um contexto específico de comunicação.

Sobre esse ponto especificadamente, Franckel e Paillard (2011) veem a teoria da enunciação proposta por Culioli da seguinte forma: “estudar a enunciação em uma perspectiva culioliana é investigar os modos de constituição desse valor” (Franckel; Paillard, 2011, p. 88). Culioli propõe que o sujeito não é apenas constituído pela linguagem, mas também age como um operador cognitivo que organiza e interpreta a realidade. Assim, se interessa mais pela modelização do processo de construção de sentido e menos pela constituição do sujeito em si.

Culioli entende que a linguagem envolve constantes ajustes e negociações de sentido entre falantes e contextos. Ele analisa como o falante⁷ constrói representações⁸ do mundo e ajusta essas representações em contextos enunciativos variáveis, através de operações cognitivas (como espacialidade, temporalidade e modalidades). Para ele, o sentido é resultado de operações de apreensão e reformulação, que se adaptam conforme a situação comunicativa e o universo de discurso.

⁷ Esse falante tem como sinônimo de enunciador ou sujeito.

⁸ Obviamente que a teoria trabalha com seu objeto de pesquisa com dados linguísticos, então se detém nas marcas gramaticais ou formas linguísticas, que fique claro, todavia que isso não se explica por si e nem responde ao que propomos aqui nesse artigo como também na tese em que este artigo se inscreve.

E nas abordagens metodológicas, o caminho de Culioli é de uma abordagem mais formal e abstrata, buscando modelizar as operações mentais envolvidas no processo de enunciação e construção do sentido, que perpassa por operações. Assim, o pensamento de Culioli (1976) é para que um enunciado seja construído é preciso entender que é necessário passar por todo um trabalho de relações: relações entre representações nocionais (que são as relações primitivas) e relações com um esquema predicativo (que faz parte do quadro teórico de Culioli) a que se atribui uma orientação e se instancia lugares, que por fim, é inserido em um sistema de referências, um sistema de localização com coordenadas espaço-temporais e intersubjetivas (relação enunciativa) (Culioli, 1976).

Um primeiro ponto a entender de enunciado é sobre o conceito de *lexis*, conhecida por uma relação primitiva, que conforme Culioli, “resulta da instanciação de um esquema por termos construídos por si só a partir de noções.”⁹ (Culioli, 1990a, p. 101). A *lexis* é pautada simbolicamente representada por este sinal λ e constitui-se por três lugares vazios (vazios porque não estão ainda no âmbito enunciativo), sob a forma $\langle 0 \ 1 \ \pi \rangle$ (explicados a seguir).

Na TOPE, a construção da *lexis* é pautada em um esquema e se configura em uma tríade (três espaços que são preenchidos com noções) em que os termos relacionados se encontram em um momento antes da enunciação, antes de receber as marcas aspectuais e modais pertinentes. É uma *lexis* é notada com o seguinte esquema $\langle \xi_0, \xi_1, \pi \rangle$, sendo que ξ_0 e ξ_1 correspondem aos argumentos relacionados por um predicado (π), normalmente (mas não necessariamente) representado por um verbo. É a partir da constituição do esquema de *lexis* que o predicado e seus argumentos se constroem, mesmo porque, *lexis* não é um enunciado ainda. Assim como os sujeitos, pois conforme Culioli, não há um único sujeito, mas uma classe de sujeitos, são eles: O sujeito enunciador de origem (S_0), este sujeito não é diretamente identificável na materialidade da linguagem; ele é mais abstrato e se situa no plano da atividade enunciativa. O sujeito da locução (S_1), representa a voz que dá forma e expressa o conteúdo, funcionando como a instância visível do sujeito no discurso e o sujeito do acontecimento linguístico, o (S_2).

⁹ No texto original: résulte de l'instanciation d'un schème par termes construits par lui-même à partir de notions. (CULIOLI, 1990a, p. 101).

Alguns dos parâmetros enunciativos metalinguísticos definidores do sistema referencial para TOPE são os seguintes:

- λ – léxis / - π – operador de predicação (ou a relação entre dois pontos) / - 0 – ponto de partida / - 1 – ponto de chegada / - ξ – operador de localização / - S_0 – Sujeito enunciador de origem / - S_1 – Sujeito enunciador da locução ou locutor / - S_2 – Sujeito enunciador do acontecimento linguístico.

Para irmos direto ao ponto desde artigo, de forma mais objetiva ao que pretendemos, selecionamos da tese 4 enunciados para analisarmos a construção de significação deles e compreender:

- 1 - “O mal se paga com bem”;
- 2 - “O bem se paga com o mal”.
- 3 - “Bem bem ele não está, mas dá para ele ir”.
- 4 - “Mal mal ele não está, mas dá para ele ir”.

Acerca dos enunciados: (1) “O mal se paga com o bem”; (2) “O bem não se paga com o mal”, em que temos a diferenciação da função das unidades linguísticas “bem” e “mal”, nos contextos, mas ambas as construções sintáticas são idênticas, que conforme um padrão normativo gramatical teremos: Sujeito + Verbo + Complemento. Adicionamos, que, muito embora, conforme a TOPE, temos a construção da léxis em (1): léxis <mal, pagar, bem>; em (2) <bem, pagar, mal>; em (3): <bem, não ser, ir>; em (4): <mal, não ser, ir>. Aparentemente temos enunciados com quase os mesmos elementos gramaticais, mas com construções diferentes. Teoricamente dizemos que sim, porém, não! Aqui temos enunciados com valores referenciais diferentes e muito além disso, construções diferentes.

Em (1), pudemos refletir que na unidade linguística “mal” são atribuídas propriedades de ser ruins, desprezível ao ser humano; e a unidade linguística “bem”, atribuídas propriedades necessárias ao ser humano, e que o uso do verbo “pagar” nesses enunciados tem o valor de “resolver” ou “consertar” algo, por exemplo.

Parafraseando, o “mal” (X) em relação ao “bem”, no contexto, nota-se constituído de propriedades ruins, são atribuídas qualidades e características de coisas que o ser humano não pode “executar”. O “bem” em relação ao “mal” (Y)

percebe-se constituído de propriedades boas, atribuição essa de qualidades e características de coisas que o ser humano precisa fazer “juz”.

Esse mesmo enunciado sendo utilizado em um contexto bíblico, por exemplo, no livro Novo Testamento em Romanos 12:21 está escrito = (*Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem*), o “vencer” referido circunda o enunciado como forma de “luta” por algo. Para que o ser humano não se abata diante de alguma coisa que lhe aflige. Houve uma “ação” antes e agora é preciso entregar uma possível “devolutiva”.

As noções¹⁰ de *bem* ou *mal* não estão atualizadas automaticamente na relação deles com outras unidades, assim, pensar na ideia de opositividade ou antonímia por elas mesma é ilusória, pois essa relação é dada no enunciado, e não da forma como preconiza a tradição lógico-gramatical.

Isso comprova-nos a pensar que a antonímia existe muito antes das relações no e pelo enunciado, por isso que para a TOPE, essas noções vêm anterior ao enunciado, essa é a complexidade que repousa a teoria quando analisamos marcas e suas relações operatórias no enunciado.

Observemos que, para tentarmos atingir ao que o enunciado propunha, nas propriedades do <ser do bem>, não foi preciso caminhar para os moldes tradicionais de ensino, que se concentra em dizer que basta colocar seu oposto na marca gramatical no enunciado, que é “*bem*”, que se identifica a oposição correta, a de se utilizar o *mal* com “l”, se não, *mau* com “u”. O oposto de *mal* com “l” é *bem* e *mau* com “u” é *bom*. As noções de *pagar o mal com o bem* apresentadas acima são frutos, como diz Culioli, de representação complexos de propriedades físico-culturais que é nato do ser humano. O “*bem*” conduziu-nos a construir mentalmente os valores referencias de “*amizade, gentileza, solidariedade, dedicação e compaixão*”, por exemplo, porque essas palavras possuem, no contexto-contexto do enunciado, relações de que quem as tem, <ser do bem>.

Reflexões acríicas acerca da língua estão longe de um estudo de língua preocupado com a língua em uso e sua significação frente ao que o sujeito

¹⁰ Culioli nos diz que as noções são os sistemas de representação complexos de propriedades físico-culturais, e assim sendo, é através de manipulações enunciativas em conjunto de aspectos culturais que é nato do ser humano. A noção, conforme a teoria, contempla um leque de propriedades culturais, essas propriedades são estáveis, pois são elas que garantem a estabilidade do código utilizado por um determinado grupo de falantes; além disso, estão diretamente ligadas à elaboração das experiências de cada um. (Culioli, 1990). Concordado com Groussier (2000), que diz algo sobre noção, que ela não é definida somente pelo o que ela é (alteridade), mas também pelo o que ela não é.

enunciador precisa para se comunicar, verbalizar e se fazer entender. Embora saibamos que é, via de regra, assim que nos é ensinado em alguns manuais didáticos e em salas de aulas, nas aulas de língua portuguesa; é necessário, pois, ir além, porque enunciados são construídos costumeiramente quando não estamos monitorados, possivelmente espontâneos ou pensando em algo mais sofisticado. Enunciados são necessidade corriqueiras a quem evoca e a quem é evocado de algo. O enunciado é indissociável do seu contexto, contexto desencadeado pelo próprio enunciado. E, conforme a TOPE, o enunciado é construído, pensar nele por ele mesmo, sem captar os “vestígios” de valores referenciais, ou seja, sem “operar” e, dessa forma, não estamos, nem de longe, na seara enunciativa construtivista de Culioli.

Já em (2), “*O bem não se paga com o mal*” é atribuída a mesma noção das explicações do enunciado (1), porque a referência de maldade e bondade devem ser contestadas quando pensarmos em fazer o contrário, pagar algo, seja o que for, com a maldade. É forte, nesse enunciado, os valores referenciais de que “mal” (X) deve estar distante de tudo que o ser humano precisa para viver, e o “bem” (Y) perto de tudo que precisaríamos para nos identificar como alguém do bem.

A construção da noção <ser do bem> com os valores referenciais ditos acima, remetem a não estarem interligados, pois é como se o contexto-contexto ficasse prejudicado e houvesse uma “obstrução” de significação, considerando o contexto nas palavras como “*violência, maldade, raiva, discórdia e desafeto*”, devido possuem dados, numa rede de valores específicos, a tudo que remeta ao que é “*ser ruim*”, dito isso a singularidade do enunciado (3) “*O bem não se paga com o mal*” é delineado para a significação de que não se é possível, no tempo, no espaço e na situação específica, atribuímos propriedade boas/positivas nesse enunciado, tendo em vista que o sentido que se torna, neste enunciado, participa de um *domínio nocional*¹¹ para uma identidade negativa.

Isso mostra-nos que o referente é estável, contudo os valores referenciais são instáveis, e se inscrevem em jogos intersubjetivos de ajustamentos e de regulação, que se dão provisoriamente e localmente. (Franckel, 2011).

A operação de referenciação é fundamental na TOPE por ser responsável por definir os limites e a identidade dos referentes dentro de um enunciado, permitindo a

¹¹ O *domínio nocional* é, portanto, a área que abrange o estudo de como essas noções e conceitos são formulados, estruturados e empregados nas operações linguísticas e comunicativas.

construção de sentido na comunicação. O enunciado é tomado, na ótica de Culioli, para efeito significante relativo à sua “maneira de dizer” particular e, não necessariamente, para ser incluso em algum contexto pragmático, por exemplo (De Vogüé, 2011).

Por essas e outras explicações a mais que se detém estes introdutórios enunciados, que nos propusemos a refletir além daquilo que nos foi/é ensinado por anos.

No enunciado (3), temos outro tipo de construção do enunciado.

(3) “*Bem bem ele não está, mas dá para ele ir*”.

Suponhamos que alguém pergunta para outro, se fulano está “bem” (de saúde) e com condições de ir a algum lugar. O outro, que conhece a situação de saúde da pessoa diz: “*Bem bem ele não está, mas dá para ir*”.

Nessa situação enunciativa, é possível observar que o uso do marcador “*bem*” de forma dupla, além de evidenciar um posicionamento enfático da expectativa de quem pergunta, remete a entendermos dois acarretamentos:

1^a – *Uma pessoa X não ter condições de ir a algum lugar;*

2^a – *A mesma pessoa X ter condições de ir a algum lugar;*

Ou pensar da seguinte forma esquemática:

1^a - *Uma pessoa X não ter condições de ir a algum lugar;*



O sujeito enunciador 2, aquele com quem se falou, reconhece o estado de saúde da pessoa sobre quem se fala, mas no mesmo momento, entende que esse estado é permissível para locomoção, e devido a pergunta ter sido, “*se ele estava bem*”, a resposta, enunciativamente só cabe ser respondida com os mesmos marcadores.

¹² Termos *repère* e *repéré* (não possuem significado de tradução), porém dentro da TOPE significam pontos que servem como referências no sistema enunciativo.

Nessas duas situações, ocorre a extração de uma ocorrência singular no domínio, que se diferencia das outras, estejam elas no interior do *domínio nocional* (qualquer outra ocorrência de “*estar bem*” - verdadeiramente *p*) ou no seu exterior (de quem “não estar bem bem” – verdadeiramente não-*p*). A ênfase dada à repetição do marcador “*bem*”, projeta-nos a pensar que só se locomove, quando se está bem ao ponto de executar tal ação, e portanto, a ênfase repetida da condição da pessoa, que é não tão mal, mas também, ainda adoentado.

Analisando os acarretamentos, temos as seguintes flechagens¹³:

1ª – Noção (Sujeito X está doente)

2ª – Noção (Sujeito X mesmo doente tem como se locomover a ir para algum lugar)

Com base nesse raciocínio a TOPE nos dá subsídio de entendermos que, são somente as marcas linguísticas “*bem*” e as demais, na superfície do enunciado, por si só são suficientes para garantir que “*bem*” é apenas um circunstanciador modal ou que a sua oposição caberia sem alterar significativa a noção enunciativa primeira.

Vejamos essa ocorrência:

(4) “*Mal mal ele não está, mas dá para ele ir*”.

Nessa ocorrência, a presença das marcas “*mal*”, também duplamente, não contempla uma resposta plausível na língua portuguesa ao que se foi perguntado. Como é que pode alguém perguntar pelo outro se está mal e se ele pode ir a algum lugar? não faz sentido, pois quem está mal, não vai a lugar nenhum, via de regra; uma vez que uma pergunta dessa, soa, inclusive, falta de elegância e mínima de noção à pessoa enferma.

Vamos imaginar a situação: uma pessoa *A* é a que pergunta sobre alguém *C*, pessoa *B* é aquela que responde à pessoa *A*. Então, vejamos os seguintes enunciados com ocorrências mais elucidativas:

¹³ Refere-se a um mecanismo central na construção de sentido em um enunciado. Trata-se de um processo que estabelece a relação entre os elementos linguísticos (como palavras ou expressões) e os referentes aos quais eles apontam no contexto de uma enunciação específica.

Pessoa A: Carlos está muito mal ao ponto de não ser possível ele ir à escola amanhã?

Pessoa B: Mal Mal ele não está, mas dá para ele ir.

É como se quem pergunta, quer que a pessoa vá independentemente de qualquer coisa. Na visão de quem responde, pode estar construída significativamente de duas formas:

1ª – *Alguém está mal, mesmo mal tem como se locomover* (a ideia de *poder ir* é resgatada pela marca *mas*), porque alguém quer que isso aconteça;

2ª – *Alguém está melhorando de algo, dessa forma, tem como se locomover* (a ideia de *poder ir* é resgatada pela ênfase do *mal*) sem maiores prejuízos;

Observando as duas situações enunciativas, com o uso enfático da unidade *bem* e outra da marca *mal*, no mesmo evento, entendemos que se alguém não está *muito mal*, nem somente *mal*, não cabeira a construção com o uso da relação de adversidade, como é o caso do uso da marca *mas* no enunciado. A resposta mais plausível que caberia diante das explicações seria:

Pessoa B: Mal Mal ele não está, portanto/logo/assim/por conseguinte, conseqüentemente/ modo que, de sorte que, de maneira que, dá certo para ele ir.

Todas essas ocorrências encontram-se, no interior do *domínio nocional* da noção de *<alguém está /bem/ e pode se deslocar>*, mesmo que isso tenha sido dito por outra pessoa e tenha sido utilizado a marca de valor adversativo, quando não se caberia para o sentido da construção, como em: *“Mal mal ele não está, mas dá para ele ir”*.

Com essas reflexões abordadas, lembramo-nos que Culioli ressalta que a construção do significado na linguagem é um processo dinâmico que envolve várias camadas de operações cognitivas, desde a categorização básica dos elementos do mundo até a complexa adaptação dessas categorias ao contexto comunicativo e situacional.

Essa relação de *lexis*, pensando em uma nova etapa da relação predicativa, é também responsável pela organização dos domínios nocionais que comporão a significação das noções em questão.

3. Algumas considerações finais:

Considerando que este artigo, fruto de uma tese em andamento, trouxe somente alguns enunciados com as marcas deixadas pelas unidades “bem” e “mal”, pretendemos aprofundar e elucidar mais as construções de significações acerca de enunciados com essas marcas. Isso significa também que, já é possível entender que, de acordo com a semântica-operatória culioliana, a natureza das variações de funcionamento das unidades linguísticas e a atividade reguladora que existe intrafalantes e interfalantes, contribui para a construção de um ponto de equilíbrio que tem a instabilidade por fundamento, em outras palavras, nossas análises terão como orientação a busca pela invariante que constitui a identidade de funcionamento das unidades “bem” e “mal”. Ou seja, as operações que subjazem à estabilização dos valores dessa expressão observados nas sequências textuais em língua portuguesa. O termo “*bem*” só pode ser compreendido em oposição ou em relação a “*mal*”, e vice-versa. A definição de cada um não se limita ao que é intrínseco a eles, mas ao contraste e às operações que situam um no espaço de referência do outro.

Referências Bibliográficas:

Bíblia Sagrada. **Novo Testamento**. Disponível em: https://www.bibliaon.com/novo_testamento/. Acesso em: 12 de dez de 2024.

Culioli, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**. Formalisation et Opérations de repérage. Tome 2. Paris: Ophrys, 1990a.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation**: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999b. Tome 3.

De Vogue, S. **Referência, referenciação e valores referenciais**. In: Romero, Márcia; Biasotto-Holmo, Milenne; et al. (org. e trad.). Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

Franckel, J. J. **Referência, referenciação e valores referenciais**. In: ROMERO, Márcia; Biasotto-Holmo, Milenne; et al. (org. e trad.). Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

Groussier, M. **Notions et prédications**. Paris: Ophrys, 2000.